

Crime na mata verde e amarela, onde cantam sabiás

Fotos Celso Júnior/AE

Parque Nacional de Itatiaia, onde Ibama fez blitz há dez dias, sofre com devastação

ROSA BASTOS

No feriado do dia 25, a paulistana Maria de Fátima Pagliara, de 30 anos, gerente de uma empresa de consultoria, foi visitar o Parque Nacional de Itatiaia, no Rio. Ficou extasiada com tanta beleza. "Por que não conheci isto antes?", recriminou-se. "Tão perto de São Paulo, fácil acesso, estrada boa..." Algo, porém, a intrigou: "Se é parque nacional, como tem moradias? E casa de chocolate, loja de lembrancinhas, terrenos à venda. Que coisa estranha!"

Maria de Fátima imaginava que o primeiro parque criado no Brasil, em 1937, era uma área intocada, verde e amarela, onde cantam os sabiás. "Não sabia que havia hotéis aqui dentro", conta, embora confesse ter apreciado o conforto de um banho quente após uma longa caminhada. Mais espanto provocaram as placas de vende-se, no meio da floresta. "Será que se pode comprar, construir, isso é legal? E se um monte de gente resolver morar no parque?"

Estava assim, cheia de dúvidas, quando viu na TV a notícia de que os fiscais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) estavam trocando tiros com os palmeiros – peões que derrubam a palmeira-juçara para extrair o palmito, ilegalmente. Então, havia uma guerra civil na região e ela não sabia? No dia seguinte, caminhando numa trilha, ouviu o ruído de árvores sendo cortadas. Não viu nada, mas teve medo.

O engenheiro agrônomo André Roberto Speck, de 38 anos, que esteve no Parque Nacional de Itatiaia no começo de janeiro, denuncia a degradação. "Tinha lixo amontoado na beira da estrada. O museu, deprimente, com os animais empalhados sendo comidos pelas traças e as etiquetas de informação amareladas e de difícil leitura." Speck reclama do desmatamento ao redor das casas e hotéis, e pergunta: "Posso comprar um terreno lá e abrir um estabelecimento comercial?"

Pior é que pode. Segundo o administrador, Léo Nascimento, quando o parque foi criado já existiam centenas de propriedades e alguns hotéis lá dentro. A União criou o parque, mas não desapropriou as terras nem indenizou os proprietários. Dos 30 mil hectares, só é dona de 10 mil. O resto pertence a particulares, com escritura e tudo. "Se eles quiserem, podem vendê-las, são os donos", diz. "Mas não desmatar, nem fazer nada contra a fauna e a flora."

Ficção – Na estradinha de cascalho, cheia de buracos, perto de um hotel-fazenda e de uma casa que se pode alugar para temporada, chama a atenção uma placa pendurada em uma árvore, no meio da mata.

O corretor Paulo Sampaio, da Imobiliária Condial, em Resende, informa que o terreno de 2.600 metros quadrados custa R\$ 20 mil, mas o proprietário estuda proposta. "Tem escritura, IPTU, não é posse." E se pode construir? "Bem, aí tem de se entender com o Ibama."

Mário Mantovani, diretor da Fundação SOS Mata Atlântica, diz que não só Itatiaia como todos os outros parques brasileiros têm sérios problemas pela falta de regularização fundiária. "No Brasil, parque nacional é uma figura de ficção", critica. "Mas não se deve imaginar que parque é a terra do não-pode. Pode-se tudo, desde que bem feito. O turismo só é predador quando mal orientado."

Em sua terceira visita a Itatiaia, no último domingo, o professor de educação física Jurandir de Oliveira Santiago, de 48 anos, entrou num caminho errado e se perdeu. "Não tinha placa, nenhuma orientação", conta. "Será que estou me metendo naquele lugar que saiu na TV e vou levar tiro?", pensou, enquanto manobrava o carro.



Parque Nacional de Itatiaia: dos 30 mil hectares, 20 mil estão nas mãos de proprietários particulares e podem ser vendidos

DEGRADAÇÃO



Sujeira, criação de gado, terrenos à venda e a ação de palmeiros afetam o verde de Itatiaia e surpreendem turistas, como Maria de Fátima



Quando esteve lá, em 86, foi bem diferente. "Nas trilhas, eu crente que estava sozinho e, de repente, olha o guarda! Não tinha como botar uma pedra no bolso. Sei porque peguei uma, em forma de coração, coisa linda, certo que ninguém tinha visto e o fiscal me mandou devolver." Aprendeu uma lição que, gostaria, continuasse a ser ensinada. "Hoje não vi um fiscal!"

O engenheiro Dacio de Almeida, de 39 anos, e a arquiteta Edna Abussamra, de 42, assistiram a uma cena que os deixou indignados: uma mulher tranquilamente colhendo mudas de samambaias, perto de uma cachoeira. "Ela saiu carregada e não tinha ninguém para impedir!" O casal, que mora na Vila Mariana, em São Paulo, vai uma vez por ano ao parque. "É

belíssimo, quente de dia, fresquinho à noite, sem mosquitos. Mas está muito abandonado. Devia ter guias falando da importância dessas espécies, fazendo as pessoas entenderem que estão num santuário ecológico", diz Almeida.

Na entrada, os turistas (cerca de 10 mil por mês) recebem um saquinho para lixo e um folheto. "Isso não basta", recla-

ma Edna. "Quem vai deixando rastros de papel de bala e de latinhas não tem noção de nada. Isso é o que nos resta de mata atlântica e tem de ser defendido com unhas e dentes."

Ameaça – Defensor ferrenho do parque, Léo Nascimento garante que ele não está sendo loteado. "O problema aqui é a extração do palmito. Estou jura-

do de morte", afirma. Até agora, os palmeiros têm levado a melhor. Depois de extinguir o palmito da Serra da Bocaina e da Serra dos Órgãos, dedicam-se ao Parque de Itatiaia, último reduto da palmeira-juçara no Vale do Paraíba. Cerca de 40% da mata é formada da juçara, que tem sido abatida sem dó. A planta leva mais de 10 anos para se regenerar e só produz sementes depois de 30 anos.

"Escolhem as árvores mais parrudas", acusa o ambientalista André Vieira de Assis. "Arrancam tudo, não deixam as matrizes, é um crime." Para Mantovani, essa luta armada é um equívoco. "Têm de recolher palmito no supermercado, na fábrica, e não ir lá no mato pegar o coitado do palmiteiro."

Paixão pelo parque

Sem perder o fôlego, mesmo nas subidas, Haroldo Simon, de 60 anos, é capaz de falar horas sobre Itatiaia – ou "pontas cheias de pedras" – onde se criou. "Até os 11 anos vivi no mato, com os macacos", conta. Só depois é que foi para a escola. Formou-se em engenharia eletrônica, mas há anos administra o maior hotel da serra, que herdou do pai.

Só de batráquios são 10 espécies que existem apenas nesta montanha. Dos 64 pássaros endêmicos da mata atlântica estão todos aqui. Milhares de insetos, entre eles as abelhas, mais de mil espécies. Temos um parente do canguru, uma libélula lindíssima e muitas rochas. Nenhuma delas é uma pedra qualquer. Itatiaia, esta jóia preciosa, tem de ser preservada. Eu moreria por isso aqui.

Pisando em ovos, "para não machucar as plantinhas" ele mostra as maravilhas do lugar: pequenas flores azuis, violetas, amarelas, brancas e alaranjadas pontilham a vegetação rasteira; orquídeas e brincos-de-princesa despencam das árvores, exuberantes. "Esta é poejo, aquela sete chagas, que serve para o coração", diz Simon. "Um botânico japonês ficou impressionado com a quantidade de ervas medicinais daqui."

Um dos ecossistemas de maior biodiversidade do mundo, Itatiaia encanta a advogada do SOS Mata Atlântica Elci Camargo. "É um símbolo, a menina dos olhos dos ambientalistas. Poético, inspirou a todos nós. Temos paixão por ele." Ela critica a degradação, a falta de fiscalização, o desmatamento.

"Todo mundo ama o parque, mas ninguém toma atitude em defesa dele", diz Antonio Leão, de 37 anos, guia de ecoturismo e sócio do Grupo Excursionista Agulhas Negras (Gean), clube de montanhismo mais antigo da região. "Como primeira reserva florestal do Brasil, tinha de ser exemplar."

Para Simon, um dos maiores problemas do parque é a criação de gado, proibida pelo Código Florestal. Além de contaminar os mananciais com o esterco, destroem a vegetação rasteira. "Eles comem os brotos das árvores, as batatas dos amarelos, deixam tudo oco, fazem estrago", diz Simon. "Uma vez, contamos umas 3 mil cabeças."

Há 22 anos, Adilson José Ventura, de 52, mora no Brejo da Lapa, já em Minas, com a mulher e cinco filhos. Toma conta da Casa de Pedra, no alto da montanha, onde, conta-se, o presidente Getúlio Vargas ia se refugiar. Ventura cria galinhas, sete vacas, sete bezerros. Já foi repreendido pelo Ibama algumas vezes. "Não sou só eu, todo mundo tem gado aqui", diz, sossegado, carregando no sotaque. "Tem muito gado nas matas, toda vida foi assim."

Com anemia grave e pressão alta, ele vai "levando devagarinho". "Estive mal, quase fui", conta. Arrastando-se, cuida das vacas, vacina-as, procura-as no mato quando fogem. "Aqui não pode ter cerca porque é área do parque. Mas se deixo o gado solto, roubam ou matam." (R.B.)